

CORONAVÍRUS

Especialistas afastam novos confinamentos

Portugal não está numa segunda vaga da covid-19, mas mesmo que venha a estar, os especialistas excluem um segundo confinamento. Aumento de casos está a levar alguns países a repor restrições.



Miguel Baltazar



Susana Paula susanapaula@negocios.pt

24 de junho de 2020 às 10:00

Os epidemiologistas afastam a necessidade de um segundo confinamento em Portugal nos mesmos moldes do que ocorreu durante o pico da pandemia da covid-19, considerando que uma nova vaga da doença, a concretizar-se, não terá a mesma dimensão da primeira.

Desde o início de junho que têm sido detetados em média 315 novos casos de covid-19 em média em Portugal, na sua grande maioria ligados a surtos específicos da região de Lisboa e Vale do Tejo, o que levou o Governo a repor algumas medidas restritivas na Área Metropolitana de Lisboa, como a redução dos ajuntamentos e a limitação dos horários de

funcionamento do comércio.

Mas se para já estas são situações delimitadas e bem conhecidas das autoridades de saúde, qual deve ser a posição no caso de uma verdadeira segunda vaga, como é admitido que aconteça a nível mundial? O Negócios ouviu vários especialistas e a opinião parece ser unânime: uma segunda vaga – a acontecer – será substancialmente diferente da primeira e, por isso, não será necessário um novo confinamento, pelo menos nos mesmos moldes do anterior.

Manuel Carmo Gomes, professor da faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, começa por definir segunda vaga. “Está relacionada com um aumento exponencial dos casos, durante pelo menos uma semana, 15 dias, espalhado por todo o país, ou em três ou quatro clusters”, explica.

Porém, não só é incerto que haja uma segunda vaga, como parece pouco provável que tenha a força da primeira. “Não esperamos uma propagação tão rápida”, afirmou o especialista, que tem aconselhado o Governo e a DGS. Isto porque a “população já está preparada” para lidar com as principais formas de transmissão da doença: evitar o contacto físico, através do distanciamento e lavagem das mãos, e as gotículas, que são travadas através do uso de máscara e com higiene respiratória. Por isso, “não haverá a necessidade de uma situação idêntica, tão apertada”.

Novos hábitos reforçam cuidados adicionais

Carla Nunes, professora da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), vai pelo mesmo caminho. “Dizer que nunca vai confinar como confinou é arriscado”, afirma. A epidemiologista lembra que o confinamento é uma “decisão política, que tem de ter em conta vários tabuleiros”, mas admite que “não é expectável que surjam crescimentos exponenciais” e, por isso, não é previsível que a resposta venha a ser a mesma.

Ao conhecimento da população somam-se novas formas de viver em sociedade: Carla Nunes cita um estudo da ENSP que conclui que mais de metade dos trabalhadores estão satisfeitos com o teletrabalho e gostariam de continuar, pelo menos parcialmente, nessa situação. “Isso leva a que um novo confinamento seja necessariamente diferente”, diz. Além disso, há cada vez mais conhecimento científico sobre o comportamento do vírus, nomeadamente em superfícies. “A haver uma segunda vaga vamos abordar a doença de outra forma”, resume a professora, que é uma das especialistas ouvidas pelo Governo.

Embora também considere que é “improvável um confinamento idêntico”, o presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública, Ricardo Mexia, tem mais dúvidas sobre se Portugal está mais bem preparado para lidar com uma segunda vaga. “Na área da saúde pública continuam a faltar recursos e a verba prevista no Programa de Estabilização Económica e Social não dá sequer para a valorização profissional dos trabalhadores”, disse.

Ao Negócios, a Direção-Geral da Saúde mostra-se mais cautelosa e diz que neste momento não existem ainda elementos para saber se vai haver uma segunda vaga e de que dimensões. “Com a evidência que temos não é possível fazer previsões porque a maioria da população ainda não foi está imune a este vírus e ainda não existe uma vacina”, disse fonte

oficial, salientando que o confinamento tem de pesar “o equilíbrio entre as medidas de saúde pública e a restrição de direitos e liberdades individuais”.

Países voltam a introduzir algumas medidas restritivas

A nível mundial, o entendimento parece ser, para já, semelhante. A OMS diz que o aumento de novos casos não significa uma segunda vaga de covid-19 e que já era expectável dada a reabertura das economias. Nesse sentido, Mike Ryan, diretor executivo da organização, afastou a necessidade de novos “lockdowns” agressivos, defendendo antes “processos micro” e localizados para conter o vírus.

No entanto, e à semelhança do que acontece em Portugal, alguns países estão a introduzir novas medidas restritivas (ver mapa). Ontem, a Alemanha decidiu aplicar um “lockdown”, mas apenas no município de Gütersloh, depois de um surto num matadouro que provocou mais de 1.500 infeções. Já o governo espanhol, admitiu ontem “usar todos os instrumentos legais ao seu dispor”, mas afastou um regresso ao estado de emergência. Por outro lado, na Coreia do Sul, embora se fale já em segunda vaga, um novo confinamento ainda não é considerado necessário. Nestes países, como em Portugal, tudo depende da evolução da pandemia.

Não haverá necessidade de uma situação idêntica à de março e abril, tão apertada. Caso venha a haver uma segunda vaga, não estou convencido de que venha, não será de tão rápida propagação.

MANUEL CARMO GOMES

PROFESSOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

[Dizer que] nunca vai confinar como confinou é um ato arriscado, depende da evolução da pandemia. [...] Mas não é expectável que surjam crescimentos exponenciais na nossa e em outras curvas.

CARLA NUNES

DIRETORA DA ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

Na área da saúde pública continuam a faltar recursos e a verba prevista no Programa de Estabilização Económica e Social não dá sequer para a valorização profissional.

RICARDO MEXIA

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS MÉDICOS DE SAÚDE PÚBLICA